



## USO DE METODOLOGIA QUALITATIVA EM PESQUISAS URBANAS<sup>1</sup>

OLIVEIRA, Viviane Fernanda de<sup>2</sup>

### RESUMO

A construção do caminho metodológico nas pesquisas urbanas e nas ciências sociais em geral, não pode deixar de levar em consideração quem são os sujeitos sociais que compõem a pesquisa. O papel da identidade desses sujeitos e do pesquisador são fatores importantes que devem ser levados em consideração na escolha do caminho metodológico a ser utilizado. Início explanando sobre a necessidade em se utilizar uma metodologia adequada aos objetivos propostos como um dos fatores primordiais que interferirão na análise, e conseqüentemente, no resultado da pesquisa. Na segunda parte trago elementos que nos permitem concluir de que não há neutralidade científica. Na terceira parte, como forma de compreender o caminho realizado para a escolha dos procedimentos metodológicos – as entrevistas semi estruturadas - trago os objetivos e o objeto da pesquisa que realizamos<sup>3</sup> intitulada de “Consumo, práticas e representações sociais: mudanças a partir dos condomínios fechados de baixo e médio padrão em Presidente Prudente e São Carlos-SP”. Proponho neste artigo que esses aspectos sejam levados em consideração, tanto na fase de coleta e produção das informações, quanto na fase final de reflexão de nossas pesquisas.

**Palavras-chave:** metodologia qualitativa, entrevistas, condomínio fechado de baixo padrão.

### RESUMEN

La construcción de una metodología en la investigación urbana y las ciencias sociales en general, no puede dejar de tener en cuenta quién son los sujetos que componen la investigación social. El papel de la identidad de los sujetos y el investigador son factores importantes que deben tenerse en cuenta en la elección de la metodología que se utilizará. Empiezo por hablar sobre la necesidad de utilizar una metodología adecuada a los objetivos propuestos como uno de los principales factores que interfieren en el análisis y en consecuencia en el resultado del trabajo. En la segunda parte traigo elementos que permiten concluir que no hay neutralidad científica. En la tercera parte, como una manera de entender el camino recorrido en la elección de los procedimientos metodológicos - las entrevistas semi-estructuradas - traigo los objetivos y el objeto de la investigación que hemos realizado, “Consumo, prácticas y representaciones sociales: cambios a partir de loteamientos cerrados de bajo y medio nivel en Presidente Prudente y São Carlos-SP”. Propongo en este artículo que

<sup>1</sup> Eixo Temático: produção do espaço urbano.

<sup>2</sup> Mestranda, Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG- FCT UNESP), vfdeoliveira@gmail.com

<sup>3</sup> Pesquisa financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eda Góes.



se tienen en cuenta estos aspectos, tanto en la recolección y la producción de la información, como en la etapa final de la reflexión de nuestras investigaciones.

**Palabras clave:** metodología cualitativa, entrevistas, loteamentos cerrados de bajo nivel.

## 1. INTRODUÇÃO

O escopo deste artigo é o de apontar sobre as práticas e os cuidados com os procedimentos metodológicos que são necessários ter durante nossas pesquisas. Como na maioria das pesquisas em ciências humanas o sujeito é a principal fonte de informações, é necessário um maior cuidado em relação aos sujeitos que compõem a pesquisa, tanto pesquisador quanto ‘pesquisado’, e devido a esse fato que aqui se coloca a discussão da identidade desses. O texto está dividido em três partes: na primeira apresento as reflexões de alguns autores a respeito da construção da identidade dos sujeitos das pesquisas, na segunda apresento a não neutralidade das pesquisas científicas, visto que não coletamos informações a partir de entrevistas, e sim a produzimos, desde o momento de formulação do roteiro ao processo final de análise das informações. Na terceira, apresento o objetivo e o objeto de estudo da pesquisa que realizamos, para que seja compreendido o caminho utilizado para a escolha da opção metodológica<sup>4</sup>.

## 2. METODOLOGIA E SUJEITOS

Em muitos estudos geográficos não há a devida preocupação com a escolha da metodologia. Utilizar uma metodologia adequada aos objetivos propostos é um dos fatores primordiais que interferirão no resultado da pesquisa. Em algumas outras áreas das ciências humanas, como a Antropologia, há um debate mais intenso a respeito desta, em que o conhecimento da cultura e da identidade são chaves para a realização de seus estudos. A partir dessa contribuição da Antropologia, no que se refere à preocupação com os sujeitos,

---

<sup>4</sup> As reflexões que seguem neste artigo são resultado das discussões, das anotações de sala e das leituras realizadas durante a disciplina Metodologias de Pesquisa Qualitativa para Geografia, oferecida pelo professor Dr. Nécio Turra Neto, do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.



construirei minhas reflexões a respeito da elaboração da metodologia a ser utilizada em minha pesquisa.

Conhecer com clareza qual o problema de pesquisa é essencial para a escolha da metodologia a ser utilizada. Nas pesquisas das ciências humanas, geralmente, não se estudam objetos, e sim, sujeitos sociais, que possuem individualidade, estão inseridos em uma determinada cultura<sup>5</sup>, e o pesquisador também é um sujeito, com sua própria identidade, o que torna essa relação ainda mais complexa quanto à forma como se produzem as informações. Conhecer quem são esses sujeitos, como se constroem suas identidades, colabora para a escolha da metodologia adequada. De acordo com Marcus (1991, p. 204), “a identidade de alguém, ou de algum grupo, se produz simultaneamente em muitos locais de atividades diferentes, por muitos agentes diferentes que têm em vista muitas finalidades diferentes”.

A partir da compreensão de que os sujeitos possuem identidades que se conectam em múltiplas escalas, é preciso repensar o olhar do observador e do observado, ou seja, atualmente, devido às complexidades das relações, é necessário repensar como são construídas as identidades, quais processos estão envolvidos em sua concepção. Marcus (1991) questiona a possibilidade de hoje em dia termos uma comunicação estreita, automática entre uma cultura, uma comunidade e um espaço. Questiona essa forma de problematização das coisas. Os sujeitos não estão presos a uma única cultura, pois recebem influências dos diferentes meios de comunicação de massa, do comércio, do consumo. O que cada um é está cada vez mais relacionado às escolhas, ao que pretende ser e muito menos à tradição, sendo as identidades uma questão em aberto, em contínuo movimento.

Identidade é um conceito flexível, que, de acordo com Marcus (1991, p. 216-217), “é um fenômeno disseminador que possui uma vida própria que vai além do sentido literal de fazer parte de agentes humanos específicos num dado local ou momento”. Assim, a identidade na modernidade é compreendida como um processo em formação e não em um local específico, é feita de múltiplas conexões, em múltiplas escalas, em múltiplas experiências, da pessoa e da comunidade. Atualmente, o que somos não está mais amarrado na tradição, depende de escolhas, daquilo que se pretende ser. Os papéis sociais, a tradição e a noção de comunidade foram colocados em cheque, pelos meios de comunicação de massa e também pelo comércio, consumo (GRUPTA, FERGUSON, 2000).

---

<sup>5</sup> Para o conceito de cultura, é necessário lembrar que os sujeitos relacionam-se em um mundo social e espacialmente interligado, pertencendo, dessa forma, em uma ou várias culturas (GUPTA; FERGUSON, 2000).



Assim, é preciso repensar nossa condição de observador, refletindo sobre o modo como interagimos com os sujeitos da nossa pesquisa, e, a partir do entendimento de quem é esse sujeito, como se constrói sua identidade, para assim conseguir elaborar a metodologia a ser utilizada na pesquisa. Isso requer que não tomemos pré-julgamentos como verdade, daí decorre a necessidade em conhecer o objeto de estudo e a metodologia adequada em compreender, em estudar o meu objeto.

A escolha do método é, sem dúvida, muito importante, pois é um caminho seguro, entre os muitos que existem, como forma de permitir interpretar o maior número de questões possíveis. Aqui, método é entendido, resumidamente, como o processo por completo, a escolha do tema, os pressupostos teóricos que orientarão o desenvolvimento da pesquisa e a metodologia como os procedimentos e técnicas de coleta de dados, a reflexão sobre a produção de informações.

Pesquisa se aprende fazendo, mas é preciso saber o que se faz, e isso implica em conhecer a teoria sobre os fenômenos estudados. O pesquisador precisa saber qual comportamento deverá ter mediante a pesquisa, ter o cuidado com o entrevistado e com o levantamento de dados. A metodologia pode tanto ‘libertar’, quanto ‘prender’, ou seja, pode colaborar na reflexão ou apenas levar ao enquadramento de modelos já construídos. Porém, a metodologia escolhida não definirá se um trabalho é qualitativo ou não, e sim a interpretação que se faz dos dados, das informações levantadas, estudos realizados a partir de informações quantitativas podem ter análises qualitativas, pois a escolha da metodologia utilizada será de acordo com o objeto e objetivo do trabalho.

Alguns detalhes para a execução de um bom trabalho se fazem importantes mencionar, como o tratamento e a análise de dados que se faz, separar sujeito estudado e pesquisador. Este precisa ser cuidadoso com a pesquisa que está desenvolvendo, desde o tratamento que dá as informações elaboradas, às atitudes éticas para com os entrevistados. Ele ainda deve redigir de maneira clara, sem, no entanto, cair no reducionismo ou dar pouca atenção aos conceitos. Oliveira (1998, p. 19) através da interpretação de Wright Mills, explana brevemente sobre os modos de como proceder com a pesquisa, que entre elas, destaco o olhar apurado e cuidadoso que o pesquisador deve ter, “não descuidar nem mesmo dos minúsculos detalhes, das coisas momentaneamente vagas. Futuras associações criativas podem desvendar nexos hoje não percebidos”. Estar atento para as situações de campo exige sensibilidade e um olhar refinado



do pesquisador, que poderá captar em simples gestos ou situações fatos que poderão ser importantes durante suas reflexões.

Relembrados esses aspectos mais gerais presentes no desenvolvimento da pesquisa, acredito que é importante que o pesquisador, seja de qual for a sua área de pesquisa, exatas ou humanas, ou como são coletados os dados, quantitativa ou qualitativamente, deve ter claro de que não há neutralidade na pesquisa científica, a qual será o tema tratado no próximo subtítulo.

### 3. NEUTRALIDADE CIENTÍFICA

Não há pesquisas neutras. Nem mesmo nas chamadas ciências naturais não há sujeitos neutros. O pesquisador também é um sujeito, e sua formação sociocultural influenciará desde os pressupostos levantados à forma de visualizar, pesquisar essa realidade. Ao se optar por algum caminho metodológico, abre-se mão de outro, se fazem escolhas, determinadas pela concepção que o pesquisador tem da realidade, da sua pesquisa.

Nossa maturidade e nossos valores estão presentes na pesquisa, mas temos que ter alguns cuidados, tais como a reflexividade: temos que ter consciência dos nossos valores, o que estamos lendo, o que estamos fazendo. Esta não é simplesmente a contaminação da nossa ideologia, é preciso que nos indaguemos como estamos construindo nosso objeto de estudo, nossa realidade de pesquisa, não podemos pretender que nosso trabalho seja uma verdade absoluta, somos e produzimos um sujeito que também é histórico. De acordo com Gibbs (2009, p.119):

A reflexividade é o reconhecimento de que o produto da pesquisa reflete inevitavelmente parte das origens e da formação, do meio e das preferências do pesquisador. O modelo científico afirma que a boa pesquisa é objetiva, precisa e não tendenciosa, mas aqueles que enfatizam a reflexividade da pesquisa sugerem que nenhum pesquisador pode garantir essa objetividade. O pesquisador qualitativo, como todos os outros pesquisadores, não pode afirmar que é um observador objetivo, competente, politicamente neutro, posicionado de forma externa e acima do texto de seus relatórios de pesquisa.

Assim, considerar que a pesquisa é neutra, inerte de interferências é um erro. O pesquisador precisa ter essa consciência e deixar claro em sua pesquisa o porquê de tais



escolhas, dos caminhos teórico-metodológicos utilizados, explicitando o caminho metodológico que usou, os problemas que surgiram para que o leitor tenha acesso de como foram construídos esses resultados. Gibbs (2009, p. 124-125) coloca que “um relatório de pesquisa bom e reflexivo demonstrará claramente como foi baseado nos dados coletados e interpretados [...], apresentando ao leitor evidências na forma de citações a partir de suas notas de campo, suas entrevistas e outros documentos que tenha coletado”. Tornar mais nítido possível a forma como se chegou aos resultados, as informações captadas dos sujeitos, além de permitir ao leitor entender o caminho que se fez, demonstra transparência na elaboração das reflexões.

Ainda, é preciso haver a reflexão metodológica: os instrumentos estão relacionados com o objeto de pesquisa? Se os instrumentos forem diferentes, os resultados também serão diferentes. Avaliar criticamente o caminho escolhido, analisando se o que estamos colocando como resultados são os únicos possíveis, ou seja, se fossem escolhidas outras opções metodológicas, atingiríamos os mesmos resultados?

Nossas opções metodológicas, bem como o referencial teórico influenciarão nos diferentes momentos da pesquisa, do início ao fim, desde a interpretação das informações quanto durante a produção destas, como é o caso de quando são escolhidas a realização de entrevistas como procedimento metodológico.

Quando realizamos entrevistas, acabamos produzindo informações a partir do referencial teórico que temos, o qual orientará nosso diálogo com o entrevistado. Assim, nessa relação que estabelecemos, produzimos os dados que não são neutros, com questionamentos que são frutos da nossa formação teórica e da nossa percepção sociocultural.

Durante a realização de entrevistas, é preciso assumir um compromisso com a responsabilidade ética da pesquisa, deixando claro para as pessoas entrevistadas o objetivo do seu trabalho, e, apesar dos dados não poderem ser mantidos em sigilo absoluto, pois outros pesquisadores poderão ter acesso à pesquisa, ou mesmo as pessoas do seu convívio mais próximo poderão identificá-las. Deve-se utilizar esses dados com a finalidade científica.

Nessa relação sincera entre pesquisador e pesquisado, é preciso que o pesquisador tenha por escrito uma autorização por parte das pessoas pesquisadas, em uma linguagem de fácil compreensão sobre os objetivos da pesquisa, permitindo a liberdade dos entrevistados em responder apenas ao que quiser, e ainda tendo o direito de retirar o que disseram. Em situações que não é possível obter essas autorizações por escrito, há ainda outra opção, que é a



de sempre pedir, ao final da entrevista que o entrevistado confirme a autorização da gravação desta. Apresentar os resultados da pesquisa a esses entrevistados, embora possa haver algum tipo de conflito, ou mesmo a exigência da reescrita por parte dos entrevistados, é uma forma bastante justa de utilizar os dados dessas pessoas.

O objetivo até aqui foi o de atentar para a individualidade dos sujeitos da pesquisa, os cuidados quanto aos procedimentos e o caráter não neutro desta, os quais serão determinantes para os resultados finais do trabalho científico. Compreendido esses pressupostos, mostrarei a seguir os objetivos e a metodologia que acredito que mais se adequa à minha pesquisa.

#### **4. O PROBLEMA DE PESQUISA E A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA**

A produção do espaço urbano nas cidades brasileiras vem ocorrendo em descontinuidade, com a construção de casas populares, mas também de condomínios fechados em áreas distantes da malha urbana compactada. Esse processo, além de provocar o encarecimento da vida urbana devido a distância dos principais equipamentos e infraestruturas, impõe o uso de veículos automotivos como principal meio de deslocamento na cidade. A extensão do tecido urbano está correlacionada a duas dinâmicas principais: 1. a ampliação da condição de mercadoria da própria cidade, que, cada vez que se expande, há mais terras para serem vendidas e 2. a queda na densidade demográfica, tendo como causa o desenvolvimento do transporte automotivo, que aumenta a possibilidade de ir e vir à medida em que a cidade se expande.

Aliada à descontinuidade territorial, há a segmentação do espaço urbano, que aponta para uma separação dos moradores da cidade de acordo com o nível econômico, como os condomínios fechados de alto e médio padrão, destinados às camadas mais abastadas da população e os bairros 'abertos' e condomínios fechados de baixo padrão, destinados aos segmentos de baixo e médio poder aquisitivo. A busca por moradia em condomínios fechados é justificada com base em diferentes argumentos, tais como a busca por qualidade de vida e por *status*, além do enfrentamento da insegurança urbana.

Atualmente, há uma mudança profunda, com a perda do centro principal como o pólo principal de estruturação do espaço urbano, que vai dividir esse papel com outros núcleos do urbano, como o *shopping center*, por exemplo. Essa lógica, que redefine o par centro-



periferia, é pautada por novos modos de morar, com a produção de novos espaços residenciais, que tem como principais vetores: a instalação de conjuntos habitacionais, a partir da intervenção do poder público, que planeja mega áreas residenciais em locais distantes, tendo como exemplo em Presidente Prudente, a construção do Conjunto Habitacional Humberto Salvador, e o Cidade Aracy, em São Carlos, descontínuos à malha urbana, e ainda, a construção de condomínios fechados financiados por programas habitacionais para população de baixo e médio poder aquisitivo, como o Vista do Vale e Esmeralda, em Presidente Prudente-SP e Terra Nova São Carlos e Tecumseh Village, em São Carlos, os quais são os objetos de estudo de nossa pesquisa.

Na cidade contemporânea há um conjunto de novos processos a partir dos quais seu espaço vem sendo produzido, como: o afastamento territorial das atividades ligadas ao consumo, aumento do uso de veículos automotivos e melhoria da qualidade dos transportes (há um aumento muito grande da mobilidade, embora ela seja estratificada), valorização das novas paisagens urbanas associadas à imagem do moderno (produção de novas paisagens cada vez mais standardizadas), ação do Estado associada a interesses econômicos. Desses processos, resulta como atual configuração os novos centros, subcentros, eixos especializados e ainda os centros antigos, decorrendo assim, uma valorização dos espaços privados em detrimento dos espaços públicos, lógicas definidas por interesses das atividades de produção e comercialização, mas também e cada vez mais, por interesses fundiários e imobiliários. Ainda, é importante mencionar a ideologia do crescimento e do desenvolvimento, sustentando essas lógicas e justificando a ação do Estado.

Os atuais processos de urbanização, no qual localizações e distâncias adquiriram importância crescente, passou a constituir situações de vida urbana, em que o diálogo entre as partes da cidade se atenuou ou se rompeu (LEFEBVRE, 1983). Esse processo vem sendo abordado à luz do conceito de segregação socioespacial, cuja contribuição primordial reside na ênfase conferida ao fato de essa segregação ser uma construção histórica, opondo-se, portanto, à tendência de naturalizá-la (PRÉVOT-SCHAPIRA e PINEDA, 2008). A segregação é um processo e estado, se estabelece a partir de um ‘jogo’ social e político. Ocorre em áreas com baixa diversidade social, quando os moradores de determinadas áreas se diferenciam dos de outras áreas, quando se estabelecem barreiras – materiais ou mentais – no plano das representações sociais.



Uma população está segregada quando está estigmatizada, quando carimba a condição espacial à condição social do sujeito. A segregação é resultado de formas de discriminação cuja base é espacial.

A produção de condomínios fechados<sup>6</sup> é uma maneira de se separar, diferenciar os intra e extra-muros. Esse novo jeito de morar é pautado pelas novas práticas de consumo, em que a idealização da vida cotidiana, estimulada principalmente através da propaganda e da mídia, são colocados como o ideal de uma vida perfeita. Nesses espaços, em que há a junção entre segurança e distinção social, emerge novas relações entre os moradores desses espaços e os demais espaços da cidade, e, recentemente também entre a população de baixo e médio poder aquisitivo, há a opção por morar em condomínios fechados.

A implantação dos condomínios fechados para a população de menor poder aquisitivo, muitas vezes estimulada por programas habitacionais como o Minha Casa, Minha Vida, ou o Programa de Arrendamento Familiar (PAR) coloca em questionamento o porquê do apoio a esse tipo de residência, a quem se volta o controle exercido pela barreira física – o muro – aos de dentro ou aos de fora?

Atualmente, há a supervalorização do programa Minha Casa, Minha Vida no que tange ao financiamento de habitações populares, que durante a década de 80 tinha como principal promovedor desse tipo de financiamento o BNH, que construía conjuntos habitacionais em locais afastados da malha urbana consolidada. No atual programa governamental, um fato que chama a atenção é: o quanto essa localização descontínua

---

<sup>6</sup>Na legislação brasileira vigente há dois tipos de definições que se aplicariam a esses espaços residenciais: - condominiais; - não condominiais. A definição 'condomínial' aplica-se às glebas que, em seu parcelamento, atendem à Lei Federal 4.491, de 16 de dezembro de 1964, cujos preceitos apóiam-se no estatuto da propriedade condomínial. Assim, aplica-se essa definição às glebas de terras, nas quais edificações de um ou de vários pavimentos são erguidas, mantendo-se a propriedade privada em dois níveis diferentes: a) propriedades privadas de uso restrito, sejam apartamentos, no caso dos condomínios verticais, sejam residências que combinam um terreno e uma edificação, no caso dos condomínios horizontais; b) copropriedades privadas de uso coletivo das áreas de utilização comum, como vias, calçadas, áreas verdes, de lazer etc., sobre a qual cada condômino tem o direito de propriedade sobre uma fração ideal, proporcionalmente correspondente ao tamanho e/ou preço de sua propriedade individual (SOBARZO e SPOSITO, 2003, p. 39-40). A definição 'não condomínial' aplica-se aos lotes e imóveis edificados oriundos de glebas loteadas, segundo a Lei Federal 6.766, de 19 de dezembro de 1979, que estabelece, para aprovação do parcelamento da terra para uso urbano, exigências relativas à destinação pública de parte da extensão de terra a ser loteada. São áreas voltadas à implantação de vias, calçadas, sistemas de lazer, de proteção ambiental e de uso institucional. Esta lei já foi, várias vezes, modificada, sendo que a maior parte das alterações ocorreu por meio da Lei Federal 9.785 de 29 de janeiro de 1999.



continua a se repetir e é ainda agravada pela inserção dos muros dos condomínios fechados para pessoas de menor poder aquisitivo.

Diferentemente dos condomínios destinados a população de maior poder aquisitivo, nos quais a propaganda evidencia a qualidade de vida e segurança como principais fatores em se residir nestes, nos condomínios populares fechados, a facilidade no financiamento está entre os motivos que levariam as pessoas a morarem nesse tipo de moradia.

Porém, a identificação com o status em se morar em um condomínio fechado não é desprezada nas propagandas, pois a referência ao “Vista do Vale”, é a presença da apresentadora Ana Maria Braga (da Rede Globo), nos anúncios de televisão e espalhados em cartazes e *outdoors* pela cidade. Assim, o que se observa é que o Vista do Vale ficou conhecido na cidade como o ‘condomínio da Ana Maria Braga’, como se a mesma fosse residir no local ou mesmo que as pessoas teriam o mesmo padrão de vida e visibilidade que esta. O *status*, assim, parece ser algo com extrema relevância na atual sociedade, em que o ter passa a ser mais importante que o ser, ficando o parecer cada vez mais buscado pelas pessoas, parecer ser da elite, parecer ter dinheiro, parecer com atrizes globais, ou o jogador do momento (DEBORD, 1997). A todo momento imagens de como e em quem as pessoas devem espelhar-se são reproduzidas e inseridas no imaginário social, principalmente através da televisão.

A propaganda<sup>7</sup> que valoriza esse tipo de habitação é fortemente inserida no imaginário ideal de vida da população, que alia essa representação de vida com segurança, lazer e ainda, e, principalmente, a facilidade na aquisição de tudo isso, através de financiamentos.

A atuação da mídia na produção de valores e significados de uma sociedade é altamente significativa, “dadas as formas como a mídia transforma, e de certa maneira define, a circulação de bens simbólicos em sociedades contemporâneas” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.92). Ela influencia e promove reações díspares de acordo com a interpretação das pessoas, grupos e/ou classes que a consomem. A partir da demonstração da casa decorada, que é disponível às pessoas que pretendem adquirir a residência, há em pequenos cômodos tudo o que precisa em uma casa, com beleza e conforto, a partir dos móveis embutidos, planejados.

<sup>7</sup> A propaganda em relação a esses tipos de condomínios foi encontrada em dois dos quatro condomínios estudados, os quais: Residencial Vista do Vale (Presidente Prudente), e Residencial Terra Nova São Carlos (São Carlos), financiados pelo programa “Minha Casa Minha Vida”. No Residencial Esmeralda (Presidente Prudente) e Tecumseh Village (São Carlos), com características de casas mais populares, financiadas a partir de um programa de habitação diferente dos demais, o “Arrendamento Familiar”, não foi encontrado folders ou outros materiais propagandísticos.



Os móveis estão estabelecidos de tal forma que permitem que camas, guarda-roupa e demais itens de um quarto caibam com espaço em um cômodo de um pouco mais de 8m<sup>2</sup>. Em um bairro ‘aberto’, uma casa com essas dimensões seria considerada desvalorizada, pequena, visto que a área total construída não passa de 44m<sup>2</sup> no Vista do Vale, e ainda entregue com os pisos e azulejos apenas no banheiro e cozinha, pontos pouco evidenciados nas propagandas, e 77m<sup>2</sup> no Terra Nova São Carlos.

A disposição dos móveis e utensílios para casa idealizados transmitem a sensação de que são casas plenamente aptas a se morar, dependendo *apenas* do próprio morador adquirir tais bens, supervalorizando às responsabilidades individuais (BAUMAN, 2007). Há ainda outros itens nas imagens das propagandas, como: a presença de flores, céu azul, que remetem a sensações de tranquilidade e ainda objetos como: sapatos de criança, escova de dente no banheiro, que remetem a uma situação ideal de família burguesa e humanização da casa decorada. Todo esse cenário construído, e que remete à ‘uma vida de novela’ é tentador a quem está a procura de uma casa, de ‘realizar o sonho da casa própria’. Mas, considerando que o consumo vai muito além das relações comerciais, não se limitando a relações entre *meios manipuladores e dóceis audiências* (BAUMAN, 2008), é preciso questionar sobre os significados socialmente construídos atribuídos a esses novos *habitats*. Como o cotidiano dos moradores desses espaços implica em resignificações?

No caso do Vista do Vale, em Presidente Prudente, a necessidade de ter um automóvel é evidenciada não apenas pelas imagens veiculadas que mostram o carro na garagem, mas também pela sua localização, paralela à rodovia Raposo Tavares. Além disso, a parceria entre poder público e interesses privados também é um aspecto que chama atenção, por exemplo, matéria no *site* da prefeitura de Presidente Prudente, em que o secretário municipal de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seplan), afirma que

o investimento contribui não somente na expansão do setor imobiliário, como provoca valorização patrimonial da área e resulta na maior obra de interligação do sistema viário já feita menos nos últimos 20 anos... [além da criação de] uma grande avenida de integração que vai interligar mais de 20 ruas e possibilitar a ligação direta de ao menos cinco bairros.

Nesse caso, é preciso questionar: além de gerar maior arrecadação através de impostos e abertura de vias, como foi citado, quais são os outros interesses do poder público municipal



nesses empreendimentos, uma vez que a construção das vias citadas não soluciona o principal problema que o local enfrenta, principalmente nos horários de pico, que é o alto fluxo de trânsito, principalmente de estudantes da universidade UNOESTE, localizada a menos de 500 metros do condomínio, além do mercado Makro próximo ao local, que concentra e atrai um grande número de veículos que, se somados à cerca de 200 famílias que passarão a residir no condomínio a partir de Janeiro de 2013, haverá, na verdade uma tendência ao agravamento desse trânsito, gerando ainda mais fluxo de carros ao local?

Trata-se apenas de reafirmação da tendência do poder público em atender mais a interesses de grupos de investimentos privados do que coletivos, diferentemente do que se espera de qualquer instância governamental, seja ela municipal estadual ou federal? Esses investimentos, que privilegiam alguns em detrimento de muitos, além de ampliar as desigualdades socioespaciais em condições de acesso a infraestrutura urbana também acabam se desdobrando em uma separação dos segmentos de diferentes poder aquisitivo, com o investimento e valorização de espaços privados em detrimento de espaços públicos.

Assim, partimos do pressuposto de que o papel do Estado como indutor, através do financiamento desse tipo habitacional para população de menor poder aquisitivo, contribui para a ampliação da segmentação da cidade por classes sociais, resultando numa privatização de espaços públicos e perda das relações sociais, com a busca da individualidade nas relações. Disso resulta um processo de separação e estranhamento ao desconhecido, que segundo Machado da Silva (2010):

Cada vez mais as relações com o Outro são vividas e pensadas estritamente no nível dos contatos interpessoais que ocorrem durante o exercício das rotinas cotidianas. Essas interações, por sua vez, passam a ser evitadas ao máximo, uma vez que é nelas que estaria contido o perigo de interrupção da simples repetição regular das atividades ordinárias. Dessa forma, é no plano interpessoal que as relações com o Outro se convertem em tema de desconfiança, medo e insegurança.

Se antes as relações de vizinhança eram marcadas pela proximidade entre as pessoas, com o espaço da casa muito mais voltado ao espaço público do que privado, atualmente, com a crescente privatização dos espaços, inclusive os de uso coletivo, há o reforço da individualização. Cada vez mais as pessoas estão restritas ao seu âmbito familiar, evitando o contato com outras pessoas. Como mostrou Sennett (1998), ao contrário do que se imaginava, a proximidade física entre as residências gerou o distanciamento entre a população. A



proximidade que antes havia entre vizinhos, permitia que as pessoas desenvolvessem uma maior sociabilidade entre os habitantes do bairro, ao contrário do que ocorre atualmente, em que essas relações muitas vezes traduzem-se em ‘bom dia e boa tarde’. Como a presença de muros e outros equipamentos de segurança alteram ou reforça esse processo de distanciamento no caso dos bairros populares?

Atualmente, as relações encontram-se cada vez mais no âmbito da vida privada, com as práticas das pessoas voltadas para si, ficando a sociabilidade e o uso de espaços públicos cada vez menor. Isso é perceptível a partir da crescente ascensão da utilização dos espaços dos *shoppings centers*, que são espaços privados de uso coletivo. Outras formas de individualização nas ruas são encontradas, como o crescente uso de fone de ouvido, como uma maneira de se isolar, o estranhamento ou até mesmo pedido de desculpas ao se abordar alguém na rua, mesmo que seja para pedir informação.

Os *shoppings centers*, assim como os novos loteamentos residenciais fechados<sup>8</sup> são decorrência das novas formas de consumo e, ao mesmo tempo, condição da sua realização. As implicações dessas novas formas de consumo no cotidiano dos moradores desses locais, bem como as representações sociais criadas a partir destes, tanto de quem mora como de quem não mora será o foco da pesquisa, especificamente nas cidades de Presidente Prudente e São Carlos. Em cada uma delas foram escolhidos dois condomínios fechados destinados a população de baixo e médio poder aquisitivo.

Para a pesquisa, serão consideradas as representações sociais dos sujeitos, bem como o papel da mídia, na produção de significados e valores de uma sociedade, “dadas as formas como a mídia transforma, e de certa maneira define, a circulação de bens simbólicos em sociedades contemporâneas” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.92). Segundo a mesma autora, as representações sociais:

Representam por excelência, o espaço do sujeito social, lutando para dar sentido, interpretar e construir o modo em que ele se encontra [...] elas oferecem a possibilidade da novidade, da autonomia, daquilo que ainda não existe, mas poderia existir. Elas são nesse sentido uma relação com o ausente e um meio de evocar o possível. É importante ressaltar que não há qualquer tentativa de negar o poder das estruturas sociais. Também não se trata de conferir autonomia à ordem simbólica. Há sim uma relação entre o material e o simbólico. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 41)

<sup>8</sup> Não por acaso, ambos, *shopping centers* e loteamentos fechados, podem ser compreendidos como “enclaves fortificados”, conforme definidos por Caldeira (2000, p. 256-257).



Assim, o objetivo geral é o de contribuir com a compreensão da cidade atual em sua complexidade. Ao analisar as recentes transformações urbanas em sua relação com as novas formas de morar, busca-se compreender como o cotidiano dos moradores dos condomínios a ser estudados é influenciado e influencia a atual organização do espaço urbano dessas duas cidades.

Será utilizada a escala do cotidiano, como estratégia para compreender formas peculiares de resistência, integração, diferenciação que se estabelecem no espaço urbano, além disso, considerando-se que podem estar em curso novos processos, como a fragmentação socioespacial, atenção especial será direcionada aqueles a quem o futuro dessas cidades mais importa: às crianças e jovens. Nesse caso, os filhos dos casais que adquiriram residências nesses loteamentos populares fechados.

Assim se espera responder as seguintes questões: Fisicamente e subjetivamente, como estão configuradas essas áreas? Quais são as expectativas e em que medida elas são contempladas conforme se estabelecem essas residências? Em que medida as práticas cotidianas, os problemas, se assemelham ou diferem de bairros populares abertos? Em que medida as práticas cotidianas dos casais com filhos assemelham-se ou diferem das práticas cotidianas dos moradores dos bairros populares abertos? Em que medida as regras que costumam ser adotadas nos condomínios populares horizontais influenciam no cotidiano de crianças e jovens moradores? Do ponto de vista do consumo do espaço urbano, o que significa morar nessas áreas? Qual é o ‘pacote’ comprado junto com as residências? Em que medida o que é vendido passa a ser desejado, e conseqüentemente, necessário? Por que há o incentivo desse tipo de programa por parte dos organismos governamentais? Qual a relação entre a localização no espaço urbano e a presença de muros e eventualmente de outros equipamentos e/ou serviços de segurança? Considerando-se que os condomínios horizontais fechados estão cada vez mais presentes nas cidades brasileiras, mas que a maior parte das pesquisas sobre seus impactos tratam das metrópoles (CALDEIRA, 2000; SWAMPA, 2001), quais as particularidades dos impactos dos condomínios horizontais populares nas cidades médias estudadas?

Como forma de tentar responder essas e outras questões que possam aparecer no decorrer da pesquisa, as metodologias utilizadas serão as técnicas de entrevistas semi-diretiva e fontes orais.



Foram realizadas entrevistas não diretivas com moradores de condomínios fechados em Presidente Prudente, com o objetivo de levantar hipóteses, através da fala desses sujeitos, os motivos que os levaram a morar ali, e na fala dos corretores de imóveis, que vendem esse tipo de moradia, o porquê de se morar nesses locais, atendendo “principalmente a finalidades exploratórias”, utilizando-a no “detalhamento de questões/problemas e formulação/organização mais precisa dos conceitos relacionados” (COLOGNESE; MELO, 1998, p. 144). Essas entrevistas foram realizadas informalmente, com a finalidade de se fornecer elementos para nortear entrevistas posteriores e aprofundar ou redimensionar as hipóteses a serem pesquisadas. De acordo com Thiollent (1987, p.80) “a entrevista não-diretiva faz parte dos estudos exploratórios para preparar o questionário-padrão ou é concebida como meio de aprofundamento qualitativo da investigação”.

Essas entrevistas não diretivas foram realizadas apenas nos condomínios localizados em Presidente Prudente, como forma de levantar hipóteses iniciais para a compreensão do objeto estudado. A escolha dessa cidade para a realização das entrevistas foi para viabilizar custo e tempo, já que esta cidade é o local de moradia da pesquisadora.

No procedimento das entrevistas semi-diretivas, o objetivo é que, a partir de um roteiro formulado, com as hipóteses iniciais, possa compreender o cotidiano desses moradores, quais as implicações desse tipo de residência no seu dia a dia e como se estabelecem suas relações interpessoais no âmbito do próprio bairro e dos demais espaços da cidade.

Os entrevistados serão compostos por moradores de diferentes faixas etárias, em entrevistas individuais. Importante salientar todos os cuidados que devem ser aplicados à metodologia de entrevista, que passa por diferentes etapas, como: a elaboração do roteiro, seleção dos entrevistados, as entrevistas em si e o tratamento dado a essas informações. A desigualdade da troca de informações entre pesquisador e entrevistado deve ser levada em consideração, pois pode ocorrer de se perguntar algo que a pessoa não está preparada para responder, ou que nunca havia formulado um pensamento sobre, ou mesmo se atentado para fatos que estão sendo perguntados. Segundo Thiollent (1987, p.83):

A desigualdade é inerente a uma situação de comunicação sobre a qual o respondedor não tem controle e permanece separado da interpretação e da utilização social da informação transmitida. Em situação como esta, a não-



diretividade dissimula, sob máscara de reciprocidade e de liberdade de fala, a hierarquia e a monopolização do saber (aspecto institucional).

Nessa relação desigual, o entrevistador tem que levar em consideração, durante as reflexões sobre as entrevistas realizadas, como, em que situação, aquilo que ele está transcrevendo foi dito, para que não haja distorções da fala, ou mesmo uma transcrição ‘interesseira’, levantando apenas os aspectos e respostas que interessam ao pesquisador, enfatizando falas que foram ditas em outros contextos e cortando outras. Quando o pesquisador está realizando as perguntas, está forçando a outra pessoa a falar, “mesmo que de forma dissimulada – o outro (no caso o entrevistado) a prestar determinada informação” (COLOGNESE; MELO, 1998, p. 151).

No momento da entrevista, se recomenda que o entrevistador tenha uma “atenção flutuante” (THIOLLENT, 1987, p. 91), deixando que a narrativa da pessoa caminhe mais pelo inconsciente do que pelo consciente, não privilegiando a priori qualquer elemento do seu discurso. Ou seja, que o entrevistador ouça o que o seu entrevistado tem a dizer, sem esboçar sua opinião a respeito do que se está falando.

A transcrição das entrevistas é um momento que exige muita atenção para que não aconteçam distorções do que se falou. É necessário primeiro analisar as entrevistas e depois criar as categorias, para que não seja feita uma leitura interesseira. Essas categorias devem estar relacionadas com os nossos temas.

Gibbs (2009, p. 60) aponta técnicas de como proceder com a análise de entrevistas, através da codificação, que, segundo ele, “a codificação é uma forma de indexar ou categorizar o texto para estabelecer uma estrutura de idéias temáticas em relação a ele”. Assim, os códigos criados permitem que o autor tenha acesso mais facilmente as ideias levantadas nos textos das entrevistas, facilitando a análise desses e possibilitando o acesso a partes direcionadas do texto. Após o agrupamento dos códigos, o autor sugere a hierarquização destes, que permite formar interpretações a partir das respostas que obteve, analisar os dados das diferentes entrevistas e assim estabelecer uma base de dados a partir das entrevistas que se realizaram. O autor aponta como um dos problemas o fato de “precisar voltar a suas transcrições para garantir que seus novos códigos sejam aplicados de forma consistente a todos os dados” (GIBBS, 2009, p.100), evitando assim uma dupla codificação ou uma abrangência muito grande dos temas envolvidos.



A partir dos relatos orais, pretende-se construir, a partir dos silêncios criados, gestos, conversas, aspectos subjetivos, como ocorre a vida cotidiana desses moradores, relacionando-os as escalas mais amplas em que estão envolvidos. O objetivo é apreender as representações da vida cotidiana. Complementarmente, também o material publicitário produzido sobre os condomínios fechados pesquisados será analisado, no qual demanda uma metodologia própria.

Dessa forma, a partir da técnica das entrevistas, pretendemos apreender a escala do cotidiano desses moradores, como forma de compreender as representações do vivido e imaginado, e assim apontar para investigações mais profundas, como a de que maneira se estabelecem o consumo no espaço urbano.

## 5. CONCLUSÕES

Em Ribeiro (1989), encontramos a discussão de que a terra firme é o pior inimigo do conhecimento, pois a dependência excessiva de metodologias e teorias já desenvolvidas por outras pessoas, ancoradas no que deu e não deu certo em outras pesquisas, acaba por inibir o novo, fazendo com que o pesquisador deixe de arriscar, de utilizar-se de outras metodologias para o desenvolvimento do trabalho. O objetivo do texto foi o de atentar a respeito do rigor, fundamentação e tratamento das informações produzidas durante as entrevistas como metodologia qualitativa devem ter, as quais serão fundamentais para o resultado da pesquisa.

Outro fator de suma importância que deve ser levado em consideração é a constante reflexão por parte do pesquisador, se a metodologia utilizada consegue apreender o objeto estudado, refletir se as hipóteses iniciais da pesquisa se mantiveram, mudaram, ou foram acrescentados outros problemas que de início não pareciam primordiais ou não estavam nítidas.

As entrevistas, que são as mais frequentes em nossas pesquisas de Geografia exigem mais do que uma simples conversa entre pesquisador e pesquisado, passam por diferentes fases: desde o planejamento de seus questionamentos, da escolha dos sujeitos entrevistados, ao tratamento e análise dessas informações. Além disso, a situação da entrevista em si, exige do pesquisador comportamentos físicos e subjetivos que influenciarão na produção dessas informações, como não ficar mexendo no gravador, ter uma “atenção flutuante”, apresentar ao



entrevistado os objetivos da pesquisa, bem como apresentar a estes o resultado da pesquisa depois de pronta. Todo esse cuidado é de suma importância, pois as entrevistas podem revelar muito mais do que buscamos, questões que antes não estavam postas e se revelaram no decorrer das entrevistas.

Qualquer que seja o caminho metodológico escolhido, a constante reflexão sobre o que está sendo feito, ou mesmo a reestruturação de aspectos que antes não estavam explícitos, são necessárias para a realização de uma pesquisa que se preocupa com a ética e a transparência nos resultados obtidos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada**. Jorge Zahar, 2008.

CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34-Edusp, 2000.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. **A técnica de entrevista na pesquisa social**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.9, p. 143-159, 1998.

DEBORD, GUY. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

GRUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 30-49.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera Pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **La revolución urbana**. Barcelona: Oikos-tau, 1983

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. **Violência urbana, segurança pública e favelas – o caso do Rio de Janeiro atual**. In: Caderno CRH, vol. 23, n. 59, p.208-300, Salvador, mai/ago de 2010. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=763>.

MARCUS, G. **Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial**. Revista de Antropologia, São Paulo, n. 34, p. 197-221, 1991.



MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

OLIVEIRA, p. DE s. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. *In:* MARRE, J. A. L. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: EdUNESP, 1998, p. 17-26.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.; PINEDA, R. C. **Buenos Aires: la fragmentación en los intersticios de una sociedad polarizada**. EURE, Santiago, Chile, v. XXXIV, n.103, p. 73-92, diciembre/ 2008.

RIBEIRO, R. J. **Não há pior inimigo do conhecimento do que a terra firme**. Tempo Social, São Paulo, 11 (1), p. 189-195, maio de 1999.

SENETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOBARZO, Oscar; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanizaciones cerradas: reflexiones y desafíos. *In:* **CIUDADES**. Puebla (México), Red Nacional de Investigación Urbana, n. 59, p. 37-43, jul-sept, 2003.

SVAMPA, Maristella. **Los que ganaron: la vida em los countries y barrios privados**. Buenos Aires: Biblos, 2001.

THIOLLENT, M. J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Editora Polis, 1987 (Coleção Teoria e História 6).

WINKIN, Y. Desce ao campo. *In:* \_\_\_\_\_. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papius, 1998, p. 129-145.